

Editorial

A Poésis Pedagógica apresenta neste número o dossiê “Histórias de Vida e Formação: o uso de (auto)biografias educativas no ensino e pesquisa em Educação”. A escolha dessa temática atende dois objetivos: 1) trazer para Goiás, especialmente para a Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, o rico debate que as histórias de vida proporcionam para a concepção educacional de formação a partir do sujeito; e 2) colaborar para a melhoria do ensino superior em Catalão, tendo em vista o reforço das licenciaturas e, por extensão, da formação docente, um veio de formação histórica do Campus Catalão, mediante as pesquisas que apresentam o tema das biografias educativas.

Os artigos aqui reunidos foram praticamente encomendados. A idéia nasceu durante o estágio de pós-doutoramento de Wolney Honório Filho (orientando) e Maria Helena Menna Barreto Abrahão (orientadora) na Faculdade de Educação (FACED), da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (PUCRS). A experiência do pós-doutoramento aproximou os grupos de pesquisa NEPEDUCA¹ e Profissionalização Docente e Identidade: narrativas na primeira pessoa – GRUPRODICI², o que facilitou a convergência desses trabalhos, para a temática aqui indicada.

Josso nos mostra³ o quanto que perfilar o campo existencial, com não menos leituras teóricas, práticas refletidas, processa a formação do indivíduo. Este dossiê é mais um passo para esse “caminhar para si”, buscando no (des)conhecido, que são os conhecimentos existenciais, pragmáticos e técnicos e os conhecimentos explicativos e compreensivos, como também o desconhecido que somos nós mesmos, nossa subjetividade, nossa consciência, o sujeito aprendente e os sentidos que ele dá às suas ações.

Esse é um deslocamento estratégico, ou seja, colocar o leitor diretamente em contato com o sujeito pesquisador. A insegurança (científica) quanto ao percurso que utiliza as “narrativas de si” como meio para se produzir conhecimentos, deslocando da teoria “exata” e “verdadeira”, são amenizados pela postura consciente do desconhecimento dos processos de conhecimento e aprendizagem, bem como do que é

¹ Ver em <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0106708RZHR8W7>. Acesso 25/06/2010

² Ver em <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0006708RCBMQT0>. Acesso 25/06/2010.

³ JOSSO, Marie Christine. *Caminhar para Si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

formação em geral, o que leva os(as) autores(as) a formular as questões de pesquisa que originaram esses artigos. Há, de fato, um interesse premente principalmente pela compreensão da maneira como os adultos se formam e aprendem.

Roberto Sanches, no seu artigo “Tempos de auto (crono)formação”, diz que “a pessoa vista como horizonte de experiência e de expectativa, não se resume a uma fórmula cronológica, ela cria a sua história, o seu vir-a-ser, a partir da sua rememoração e da sua espera”. Roberto mostra no seu artigo a força que as histórias de vida têm para a confecção de projetos de vida, valorizando as experiências existenciais. Abordando uma perspectiva de (crono)formação, que respeita as diversas inserções e relações do sujeito no tempo, o autor mostra que o uso das histórias de vida caminha opostamente à valorização do tempo cronométrico.

Fátima Veiga Mendonça, no texto “Paulo Freire e a práxis da própria vida: uma inserção possível em investigação/formação?” procura resgatar o conceito de práxis nos escritos (auto)biográficos de Paulo Freire, com o intuito de mostrar aproximações desse autor com os estudos metodológicos de investigação-formação. Destaca-se a valorização do conceito de subjetividade, encampado por Freire, valorizando o sujeito histórico, superando, no final do século XX, certo mecanicismo de origem marxista. Este, sem dúvida, um ingrediente de grande valia para os estudos de investigação/formação.

Nívia Margaret Rosa Nascimento busca, através da obra e vida de Michael Foucault, um viés que relaciona o pensamento desse autor com a metodologia das histórias de vida, para o estudo da relação do indivíduo consigo mesmo. Mas, não qualquer sujeito, e sim “um indivíduo que seja capaz de evitar a cristalização dos estados de dominação e abrir espaço para a verdade interior, verdade de um sujeito livre dos atributos impostos pela disciplina e pelas normas sociais codificadas”. Um indivíduo que possa inventar-se como uma obra de arte, como a própria autora ressalta, utilizando-se do pensamento de Foucault.

Helenise Sangoi Antunes, indo na mesma direção de se conseguir uma maior aproximação dos sujeitos da investigação, busca a voz do professor no artigo: “As cartilhas nas escolas do campo (rurais) e as lembranças das alfabetizadoras sobre a leitura e a escrita”, para conhecer as lembranças escolares de alfabetizadoras das escolas do campo (rurais), interior do Rio Grande do Sul, sobre as cartilhas utilizadas para alfabetização.

Graziela Franceschet Farias e Helenise Sangoi Antunes, no texto: “O que duas professoras que atuaram no ensino rural têm para nos contar? Lembranças de vida, histórias sobre alfabetização e trajetórias pessoais e profissionais”, enveredam no interior de duas histórias de atuação de professoras no ensino rural, município de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Edla Eggert, Maria da Graça Leão, Joice Oliveira Pacheco e Amanda Motta A. Castro no artigo “Ressignificar histórias de vida nas aulas de História da Educação”, inspiradas no princípio de pesquisa formação, apresentam um texto sobre um projeto pedagógico vinculado ao conteúdo de História da Educação (Curso de Pedagogia Unisinos) e estudos de gênero, por meio de narrativas (auto)biográficas. Segundo as autoras, “a narrativa (auto)biográfica requer, de quem narra, iniciativa, ação reflexiva e autonomia, condutas necessárias a serem desenvolvidas na formação docente”.

Jorge Antônio de Oliveira Satt e Cleuza Maria Sobral Dias, no texto “Tantos caminhos! Tantas ruas! Tantas avenidas! Sigo pela estrada da vida me descobrindo gente”, nos dão uma medida de como o educador ambiental constitui-se no contexto das experiências/trajetórias de vida, através da palavra dita e escrita, que “revela traços de nossa personalidade, de nossas opções políticas, teóricas, metodológicas, de nossas concepções de ser humano, de sociedade, de educação, de escola, de aprender, de ensinar, de ser e estar no mundo, porque ela fala de nós e do nosso mundo”.

Camila da Silva Fabis, centrada no estudo do emergente campo da educação para a paz, especialmente nas memórias e saberes experienciais dos educadores/pesquisadores que se interessam pela cultura de paz, nos traz o texto “Memorial e Narrativa: propulsores do docente reflexivo na invenção de si para a Cultura de Paz”. A autora, seguindo a tese de Ricoeur, de que é por meio da narração de nossas próprias histórias que damos a nós uma identidade, mostra a construção de um objeto de pesquisa que toma a formação humana de professores para cultura de paz.

Tatiana Spindola Hossein, em “Cenas de uma vida em busca pela docência: episódios (auto)biográficos entre atos de sombra e luz”, por meio de um autorretrato apresentado com teatro de sombras, conta-se, narra-se, delineando sua trajetória de encontro com a profissionalização docente. E a narrativa toma corpo, oferecendo mais consciência à aluna que caminha na direção da professora. A busca pela docência coloca a autora diante de si, de sua história e identidade, revividas e recriadas, na medida em que o texto é tramado, sob as luzes e lampejos de vivências em cenas, transformando-se em experiências de vida.

Vânia Rocha de Oliveira nos traz o texto “Histórias de vida de professoras de apoio e de recursos”. A professora busca, a partir de sua própria experiência/inexperiência, investigar a inclusão a partir do foco daqueles que estão lidando com ela no dia a dia e que talvez possamos dizer mesmo de forma braçal, os professores de apoio. Motivada pela busca de respostas imediatas para suas questões cotidianas referentes à inclusão, Vânia propõe, através de entrevistas semi-estruturadas com professoras de apoio no sudeste goiano, a discussão: como aprendemos a ser professor (a) de alunos portadores de necessidades especiais nos dias de hoje?

Claudia Flores Rodrigues, com o texto “Narrativas de si: estratégia de formação para (re) pensar a docência articulada ao processo de formação do sujeito”, busca refletir as interfaces formativas proporcionadas pelo memorial na educação continuada do sujeito, quando este se constitui como professor. A autora faz com este mote, uma (auto)reflexão, tomando como perspectiva a própria história de vida e mostrando como sua biografia tem um papel ativo de sua identidade pessoal e profissional. Por extensão, aponta a estratégia da (auto)biografia para a propulsão de processos de formação de professores.

Maria Helena Menna Barreto Abrahão e Wolney Honório Filho, trazem o texto “Dois lados de um pós-doutorado: caminhos de aprendizagem (auto)biográfica”. Os autores, a partir do estágio de pós-doutoramento de Wolney e orientação de Maria Helena, na FAGED/PUCRS, descrevem e analisam essa experiência de educação continuada na qualidade de uma aprendizagem colaborativa.

E, finalmente, Wolney Honório Filho traz uma resenha do livro “Educação e Biografia”, de Christine Delory-Momberger, a qual defende que a narração é o lugar onde o indivíduo *toma forma*. O autor recorre a algumas pistas para alcançar os significados do indivíduo-projeto, delineadas por Delory-Momberger. Ao perceber o desejo que o indivíduo tem de busca de si mesmo, Delory-Momberger o interpreta como um projeto que o sujeito faz de si mesmo. Dessa forma, esse sujeito, ao estar diante da sua escrita de si mesmo, promove um fenômeno para além do esquadro individual, a biografização social, ou seja, um processo que ultrapassa as questões sócio-históricas, sendo especialmente importante na construção da realidade social presente e futura. Assim, a relação entre biografização e educação é tomada a partir da noção de formação.

Michel de Certeau⁴ afirma que a arte de moldar frases tem como equivalente uma arte de moldar percursos. Nada mais apropriado para o interlúdio dos artigos aqui distribuídos. De certa forma, o mosaico de textos desenhados neste dossiê, revela uma composição híbrida de aprendizagens da arte/ciência de contar-se, ouvindo vozes que demarcam campos formativos para uma educação integral dos sujeitos.

Os Editores:

Maria Helena Menna Barreto Abrahão
Wolney Honório Filho

⁴ CERTEAU, Michel de. "Caminhadas pela cidade". In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*; 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 169-92.